



RÁDIO COMUNITÁRIA: UMA POSSÍVEL BRECHA NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO.¹

Sérgio Pinheiro a Silva

FMU/FIAM/FAAM

Resumo

O presente artigo é parte de uma dissertação de mestrado que busca entender a comunicação realizada através da rádio comunitária do bairro Heliópolis, cuja população constitui a maior comunidade popular de São Paulo. Ao abordar a programação da emissora mantida pela UNAS, observa-se as possibilidades criadas na emissora que busca encontrar brechas na sociedade do espetáculo de hoje. Através do diálogo com Martin Buber e Guy Debord, procura-se trazer à tona os vínculos presentes entre os comunitários. A rádio comunitária Heliópolis FM presta o serviço comunitário tornando um instrumento que favorece atividades de cidadania, procurando, no contexto das tensões e limites, encontrar meios para solucionar os problemas compartilhados na comunidade em foco.

Palavras-chave

Comunidade; Rádio Comunitária; Sociedade do Espetáculo; Filosofia do Encontro; Cultura do Ouvir.

O AMBIENTE DE HELIÓPOLIS

A comunidade de Heliópolis originou-se a partir de um alojamento de cem famílias provenientes da região da Vila Prudente que, na década de 1970, sofriam com as frequentes enchentes na região. Esse bairro, por sua vez, está localizado ao sul da Zona Leste da cidade de São Paulo, próximo ao início da Avenida Luiz Inácio de Anhaia Melo, enquanto Heliópolis está localizada entre a Estrada das Lágrimas e a Rua Almirante Delamare, um pouco mais a sul, fazendo divisa também com São João Clímaco, Ipiranga e a cidade de São Caetano do Sul.

Nos registros da Prefeitura de São Paulo, a ocupação se iniciou no início do ano

¹Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



de 1972². As famílias foram alocadas na região provisoriamente em um local composto por um alojamento e por vários campos de futebol de propriedade da família Álvares Penteado. No decorrer das décadas de 1970 e 1980, muitas pessoas migraram para São Paulo em busca de melhores oportunidades de trabalho e de vida – principalmente nordestinos –; como a região tinha muito espaço, muitos migrantes se instalaram em Heliópolis.

Sem condições financeiras para adquirir casas estruturadas e planejadas, muitos migrantes construíram suas residências à beira dos alojamentos da prefeitura; aos poucos, ocuparam todos os espaços existentes na região com pequenas construções improvisadas, sem estrutura adequada para a acomodação dos moradores, mas que poderiam suprir a necessidade momentânea. Conforme dados da Secretaria de Habitação do Município de São Paulo, Heliópolis abrigava, em 2009, 18.080 domicílios em 708.632,44 m² de terrenos particulares e da Prefeitura, somando cerca de 125 mil habitantes com o índice de 0,75 de INURB³ (Índice de Infraestrutura Urbana), conforme a Secretaria de Habitação de São Paulo, as favelas da cidade possuem INURB que vão de 0,00 a 1.

No final da década de 1970, alguns moradores – como o casal João e Genésia Miranda – começaram a reunir os moradores de Heliópolis para lutar contra os grileiros que queriam vender terras na comunidade sem a documentação necessária; por conta desse combate, muitas pessoas morreram. Também com a luta por moradia e condições de vida para a convivência nasceu a necessidade de organizar a população de Heliópolis: a princípio, se chamava “Associação dos Moradores de Heliópolis” e contava com o apoio da Pastoral da Moradia e da Pastoral da Criança e do Adolescente para orientar e reunir os moradores em busca de melhorias de vida. A Associação dos Moradores de Heliópolis transformou-se na UNAS (União de Núcleos, Associações e Sociedades dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco), uma ONG formada por uma diretoria eleita pelos moradores. Em um primeiro momento, os objetivos da UNAS consistiam em possibilitar a moradia e questões de infra-estrutura como iluminação pública, abastecimento de água e canalização de esgoto. Com o crescimento da comunidade, a ONG acompanhou esse processo e passou a atuar em outras áreas importantes para os

²Disponível em:

http://www.habisp.inf.br/aspnet/asp/espacohabitado/FavelaDetalhe.aspx?ins_idt_instancia=477B1DDF-259E-49DF-894B-C10B80746EBF&tipo= Acesso em: 27 de junho de 2010.

³ Disponível em: <http://www.favelization.com/2009/05/06-sintese-de-heliopolis.html>. Acesso em 27 de junho de 2010.



moradores com a intenção de melhorar o relacionamento, a cidadania, a segurança, o acesso à educação formal, o saneamento básico, as relações com a polícia e outros problemas que atingem a população de Heliópolis. Atualmente, a UNAS possui vários projetos sociais que buscam apoiar a comunidade de Heliópolis em vários projetos que ao todo atende boa parte da comunidade além da Rádio Comunitária Heliópolis, que tem a responsabilidade de transmitir informações à população de todos os projetos realizados pela UNAS, comunicando a disponibilidade de algum benefício ou vaga em escolas e creches.

INSPIRAÇÕES TEÓRICAS

Uma rádio comunitária pode gerar ambientes educativos que estimulem a participação dos cidadãos envolvidos. Para Dioclécio Luz, uma rádio comunitária tem o papel de: “Provocar a reflexão, fazer perguntas, formular propostas com a população, educar, promover a arte e a cultura, aprender com o povo, questionar o latifúndio da educação, fazer crítica aos meios de comunicação, enfrentar os grandes temas, desaprender o que é ultrapassado, ser moderna, não ter medo do novo e mostrar a realidade” (LUZ, 2007:24-27). A programação da rádio comunitária pode proporcionar um trabalho educativo, além de servir como apoio aos serviços sociais da comunidade.

Na década de 1960, o pensador e militante político francês Guy Debord encontrava-se incomodado com a forma pela qual os meios de comunicação agiam na sociedade capitalista – vinculando as pessoas por questões financeiras e status social e não por outros princípios humanos.

O conceito de sociedade do espetáculo, elaborado por Guy Debord na década de 60 do século XX e em processo crescente de incorporação à análise dos fenômenos comunicacionais, só pode ser plenamente compreendido se levarmos em consideração os seus vínculos com a teoria crítica da sociedade capitalista (COELHO, 2006:13).

Para Debord, os bens materiais se tornaram mais importantes através da valorização do ter, do acúmulo de bens; nisso, as pessoas deixaram de se importar com o quanto cada um “é” para valorizar o quanto cada um “tem”. Não é importante simplesmente ter, mas mostrar o que se tem: esse fundamento do pensamento materialista só é possível graças à estrutura social capitalista. Nos estudos de Debord, esta estrutura da sociedade é provocada pela mídia e causa uma perda de consciência pela ânsia do ter.



O espetáculo, nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos (DEBORD, 1997:171).

Apesar da tendência crescente da sociedade do espetáculo observada por Guy Debord, a população de Heliópolis busca, através da rádio comunitária, proporcionar a valorização do indivíduo, tentando enfraquecer o mecanismo da sociedade do espetáculo. Com a programação da rádio comunitária, o indivíduo pode se reconhecer, encontrando a própria cidadania eu e tendo suas capacidades a floradas – condições que a sociedade do espetáculo limita ou reduz.

As vertentes da sociedade do espetáculo estimulam o reconhecimento pessoal, mas, quando falamos em comunidade, o reconhecimento é social: a valorização ocorre em cada indivíduo a partir da vivência e da relação existente entre as pessoas, demonstrando para cada ser que ele é importante para as melhorias de todo um conjunto social. A atuação comunitária é uma brecha existente na massacrante sociedade do espetáculo: é uma forma de encontrar caminhos para que o indivíduo que não consegue participar da vida consumista possa ser valorizado e reconhecido como alguém importante na comunidade.

Preocupado com a vida individual das pessoas e como elas interagem entre si, Martin Buber observou que essa relação acontece em um local de encontro onde os sujeitos convivem e estipulam regras em que estejam em um acordo: a compreensão e o respeito são base para que a vida aconteça. Sem a comunicação entre as pessoas com respeito e compreensão, não há relação; sem relação e comunicação, não há vida em sociedade: portanto, não há comunidade. O filósofo propõe uma filosofia de vida que acontece no encontro: conhecida como a filosofia do encontro ou do diálogo, Buber parafraseia o prólogo do Evangelho de São João: “No princípio é a relação” – no caso do nosso estudo, a relação em comunidade. A partir de uma relação ética, o ser alcança a sua totalidade e a relação deixa de ser um “Eu-Isso” para um “Eu-Tu”.

A relação com o Tu é imediata. Entre o EU e o TU não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre o EU e o TU não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento em que passa do sonho à realidade (BUBER, 1979:13).

Na vida em comunidade, as metas e as trocas de experiências são importantes para que a comunidade estabeleça seus objetivos e, uma vez os objetivos traçados, possa compartilhar o trabalho comunitário. O “Eu-Isso” está preso ao passado, ao mundo das



coisas; o “Eu-Tu” é o presente, é o que se vive, é a relação do dia-a-dia. O “Isso” pode ser ordenado, enquanto o “Tu” não conhece nenhum sistema de coordenação, simplesmente acontecendo: em comunidade, a relação acontece se dá a experiência do outro.

A sociedade não vive a totalidade. O mínimo que uma relação não seja verdadeira propicia o necessário para que ela não possa ser total, e, conseqüentemente, não haja a verdadeira vida conforme a proposta de Martin Buber. A partir desta proposta, a união entre as pessoas é necessária para a vivência em comunidade. O compartilhamento de uma mesma realidade física propicia o encontro; assim, a experiência da relação é natural e diária para que o indivíduo se deixe “tocar” pelo outro. O acontecimento da relação é por si a possibilidade de se atingir a totalidade de entrega e de experiência de vida.

O estudo de uma comunidade concreta através de uma filosofia utópica não nos coloca em uma encruzilhada, mas oferece uma oportunidade de repensar o dia-a-dia vivido em Heliópolis, os vínculos entre os comunitários. As pessoas trocam vivências e conversam sobre os assuntos mais variados: assim, um deixa-se afetar pelo outro. A rádio comunitária busca fazer parte dessa experiência de troca, constituindo um ambiente de conversa, informação e entretenimento para um grande número de pessoas ao mesmo tempo. O envolvimento nas atividades sociais pode, por exemplo, afastar jovens de atividades ilícitas. É claro que esse envolvimento não existe entre todos os moradores, e que, ao participar dos movimentos, a pessoa não se envolva com tais questões; o importante é que o movimento existe e que muitos se utilizam dele e convidam outros moradores para participar e criar outros movimentos para estarem juntos em comunidade.

PROJETOS QUE DESAFIAM A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Na UNAS, todos os projetos estão envolvidos em concretizar a missão da ONG: promover a cidadania, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento integral da comunidade. Nessa concepção, a diretoria da UNAS busca fazer com que Heliópolis seja um “Bairro Educador”, ressaltando que essa educação se caracteriza não só pelo segmento formal, mas também no exercício da cidadania. Para que o bairro seja sempre um “bairro educador” a intenção é fazer com que os cidadãos estejam em constante mudança, e busca pela melhoria nas condições de vida. A rádio tem um papel



fundamental nesta ação, porque é através da emissora que as pessoas são lembradas a todo o momento da importância de participar dos projetos sociais, ela sempre está aberta à população que vai até lá para dar recados, notificar perda de documentos, pedir músicas, buscar conselhos; enfim, a rádio proporciona um ambiente educativo também para quem frequenta a emissora. Entretanto, esse ambiente educativo é bem mais evidente no estabelecimento que na programação: quando as pessoas entram na rádio, sentem que a emissora verdadeiramente faz parte da comunidade e, conseqüentemente, também é delas, mas ao ouvir a rádio, a impressão se confunde com a de uma rádio comercial.

Na programação há um ambiente educativo, mas ele não aparece tão forte quanto ao entrar na emissora: ali, é perceptível o verdadeiro sentido comunitário. O desafio educativo é diário, lento e paciente, pois, em uma comunidade na qual as condições de vida são limitadas, a amplitude educativa pode parecer, à primeira vista, supérflua; entretanto, é através dela que serão obtidas novas conquistas necessárias ao bem-estar do cidadão.

A estrutura da rádio segue os padrões das rádios FM, a comunicação educativa pode ser falha uma vez que a falta da conversa empregada através da programação impossibilitaria a atuação educativa da emissora, mas isso não impede que a relação entre os comunitários seja intensificada, pois a comunicação direta de uma rádio feita na comunidade para a própria comunidade fortalece os vínculos entre as pessoas que nela vivem. A rádio procura criar laços entre as pessoas, mover e articular a comunidade para que as tensões do dia-a-dia se convertam em desafios e propostas na busca de melhorias.

A comunicação realizada através da rádio comunitária busca articular e propiciar uma melhor vinculação entre pessoas. Assim a busca por um bairro educador, se faz através da conscientização da população e da união entre os comunitários. Entretanto, a rádio não atinge toda a comunidade, a ONG não consegue inserir toda a população em seus projetos sociais e muitos moradores dizem não ouvir a rádio por inúmeros motivos; enfim, há todo um processo e trabalho para que Heliópolis seja um “Bairro Educador”.

A grade da Rádio Heliópolis é marcada pela programação musical e pela interação com a comunidade, buscando atender os interesses da população como ambiente participativo. Vários estilos musicais são abordados para satisfazer toda a comunidade de Heliópolis: samba, forró, jovem guarda, sertanejo e *rap* são tocados diariamente; a programação musical e o atendimento aos pedidos dos ouvintes é bem parecida com o modelo das rádios comerciais. Na programação da rádio, cada



apresentador tem a responsabilidade restrita ao seu horário de atuação: não há uma organização da direção do estilo que cada programa deve seguir ou qual o objetivo de cada programa. Durante a programação os ouvintes pedem determinados estilos de música na programação da emissora e a rádio busca atender aos pedidos dos ouvintes, mas não é porque o programa é musical que ele não discute problemas sociais ou realiza debates para a comunidade expor seus pensamentos embora programas específicos de entrevistas e debates não estejam mais na programação. O incentivo à cultura regional também está presente na programação: a emissora divulga as músicas dos artistas da comunidade, além de promover eventos de rap e forró para que eles possam se apresentar e divulgar sua arte.

A atuação de cada indivíduo e o vínculo estabelecido entre as pessoas que vivem em comunidade possibilitam a formação de uma organização dos exercícios cotidianos e práticos em busca da cidadania. O intuito educativo das ONGs é estimular e incentivar o povo a participar de forma ativa em seus projetos e ações. Em busca de objetivos comuns, as pessoas experimentam anseios, simpatias ou crenças diferentes; com isso, na atuação comunitária, o indivíduo conhece outras formas de ver o mundo que o cerca. Embora essa diversidade possa direcionar a atuação comunitária para um lado divergente, é através do pensamento comunitário que os interesses se encontram e impulsionam a atuação de cada indivíduo no trabalho conjunto.

O indivíduo se fortalece com o outro e, através do interesse na comunidade, também vive as regras daquele grupo social de forma justa, colocando os interesses sociais acima dos interesses pessoais; afinal, a proposta não é só a realização individual, já que ela acontece dentro do grupo social. A atuação no trabalho comunitário envolve não só o indivíduo, mas toda a comunidade que atua na ação comunitária. Esta união de pessoas envolvidas por um mesmo propósito faz com que os resultados do trabalho educativo se materializem.

Na comunidade de Heliópolis, a rádio comunitária busca realizar este trabalho educativo em busca de melhorias para a população. A comunicação é uma das formas de se fortalecer a relação e incentivar outras pessoas a também participarem e se envolverem nele. A existência de um meio de comunicação na comunidade permite às pessoas a divulgação de seus costumes, de sua cultura e das notícias de seu interesse. A cidadania é ampliada na participação e no envolvimento do indivíduo na troca de informação à medida que ele se sente valorizado e importante para que todo o processo aconteça.



A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se *sujeito* de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele (PERUZZO *in* BARBOSA, 2007:189).

A comunicação entre os comunitários fortalece o engajamento das pessoas; nisso, a rádio comunitária constitui o espaço para esse processo de divulgação e motivação em prol da mobilização dos comunitários. Neste sentido, a ação da ONG se fortalece e possibilita a concretização mais eficaz dos objetivos do trabalho. Na rádio comunitária, o comunicador se torna um educador, pois ele tem a possibilidade de incentivar a comunidade na participação nos movimentos populares. Se a emissora comunitária apenas copiar o que já é feito nas emissoras comerciais, ela deixa de ser comunitária e perde toda sua importância social. Nisso, o comunicador é o responsável pela busca da modificação na estrutura na programação radiofônica a fim de torná-la educativa. A comunidade se reconhece a partir do comunicador porque ele é da região e está inserido no mesmo contexto dos comunitários. Esta estrutura orquestral é presente através da interação e da troca de experiências vivenciadas que colocam em comum os anseios individuais que, na troca, se tornam anseios coletivos.

O comunicador não está de fora falando para quem é de dentro da comunidade: ele faz parte do sistema que envolve todo o discurso presente na programação da rádio comunitária. Como o comunicador participa ativamente dos movimentos, pode falar melhor da experiência neles vivida e, com isso, o ouvinte se sente mais acolhido por esse discurso. Na comunidade, a proximidade da rádio com o público ajuda na vinculação da emissora com seu público. As notícias veiculadas estão próximas da realidade vivida pelo ouvinte e, com isso, as necessidades também podem ser sanadas através de uma programação educativa que busca melhorias para esta determinada comunidade.

Seus objetivos são promover o acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação; desenvolver práticas de educação para a recepção ativa e crítica dos meios, facilitar o processo de ensino-aprendizagem mediante o uso criativo dos meios de comunicação e promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade educativa (GOMES, 2007:62).

A programação de uma emissora de rádio comunitária está voltada aos interesses da comunidade, tendo como propósito ouvir e valorizá-la através do incentivo à cultura regional e da informação à população sobre os assuntos que a cerca. Nisso, a programação musical deve atender aos pedidos da população, além de valorizar músicos



e movimentos musicais da região. Divulgar shows, festas e apresentações dos artistas locais faz parte do incentivo à participação de eventos sociais; com isso, as pessoas da comunidade se relacionarão mais, possibilitando maior força da comunidade em suas mobilizações. A relação existente entre a produção da rádio e os ouvintes é muito próxima, possibilitando maior interatividade do ouvinte na programação.

A proximidade potencializa a participação e a colaboração do ouvinte – seja em notícias, programação musical, apoio cultural ou até mesmo na colaboração com o trabalho na emissora. Com a valorização cultural e dos interesses do indivíduo, a rádio comunitária se torna influente para atingir os objetivos educativos da emissora. Os programas de rádio podem ser, ao mesmo tempo, educativos e de entretenimento: uma qualificação não impede que outra também esteja presente durante um programa de rádio. A pessoa está se educando permanentemente, em toda a sua vida, através de situações e acontecimentos.

O locutor de uma rádio comunitária é um educador social que gera o conhecimento dos ouvintes da emissora ao possibilitar mudanças no cotidiano da comunidade.

As rádios comunitárias têm (...) responsabilidade social que procura informar para *formar* opinião pública, para *inconformar* com a situação injusta vivida pela maioria de nosso povo, para colaborar com a transformação dessa situação (VIGIL, 2004:450).

O processo de educação acontece não só dos locutores para a comunidade, mas também entre as pessoas envolvidas no trabalho da rádio comunitária através de um processo de formação, de um trabalho educativo interno para avaliar as necessidades próprias e pensar em soluções. O rádio pode ser o meio de comunicação para incentivar a população a agir da melhor forma, não pensando só em si, mas em toda a comunidade. Agindo desta maneira, a eficácia educativa da emissora aumenta, podendo transformar o dia-a-dia da comunidade. Em uma programação educativa, a proposta é mais que ensinar coisas e transmitir conteúdos: é provocar o ouvinte para que aprenda a aprender, para que divida os problemas e aprenda a resolvê-los em comunidade. Não é apenas fornecer explicações sobre como solucionar, mas possibilitar que o comunitário tenha a capacidade de transformar a realidade. Na comunicação comunitária educativa, o indivíduo é valorizado como um ser importante e atuante na sociedade, sendo incentivado a participar, refletir e agir em grupo; ao agir, ele tem suas potencialidades afloradas.



As emissoras comerciais representam a força da sociedade do espetáculo quando, nas suas programações, quase limitam os ouvintes a consumidores e objetos da comunicação – ou, para usar a linguagem de Martin Buber, estabelecem relação com uma coisa ou um “Isso” e instauram uma relação “Eu-Isso”. À medida que envolve os ouvintes e os convidam a participar da vida sociocultural – tanto nas festas como nos projetos sociais –, uma emissora comunitária ensaia experiências de relações “Eu-Tu” com os ouvintes/interlocutores. Essas experiências – mesmo que marcadas por conquistas, conflitos e tensões – geram o que chamo de brechas de participação comunitária no contexto da chamada sociedade do espetáculo que envolve boa parte do contexto sociocultural brasileiro.

Uma rádio comunitária não precisa seguir os padrões das rádios comerciais; porém, como este é um mecanismo utilizado pela Heliópolis FM, esta estratégia ora permite um ambiente educativo que abre frestas na sociedade do espetáculo, ora simplesmente reproduz as características consumistas da sociedade do espetáculo. Conforme a minha observação, a rádio acerta na estratégia de programação, mas erra em ousar pouco nas campanhas educativas.

Nos processos de participação nas dinâmicas socioculturais, em muitos momentos os indivíduos se tornam capazes de modificar a realidade e, dentro do possível, enfraquecer a sociedade do espetáculo. Se, em muitos momentos, a rádio trata o ouvinte como um “isso”, à medida que incentiva o envolvimento cidadão, ela proporciona uma relação “Eu-Tu” com o ouvinte aberto à participação. Esses processos comunicativos socioculturais permitem que Heliópolis, em seus acertos e tensões, funcione como um ambiente educativo, um “bairro educador”.

AUDIÇÕES CONCLUSIVAS

Observo que a tensão entre o ideal e o concreto na perspectiva comunitária também é educativa: trata-se de um aprendizado diário em fazer e desfazer que modifica o ser humano de dentro para fora, um processo de comunicação e de não-comunicação que acontece em muitos momentos. O ambiente em Heliópolis é poroso na tensão entre o ideal e prática cotidiana. Ora os cidadãos pensam em cidadania e políticas públicas, ora se expressam como acostumados à prática comunicativa da sociedade do espetáculo. Cabe à diretoria da ONG e da emissora trabalhar para melhorar a formação dos



colaboradores da rádio e, então, buscar maior participação da comunidade nos projetos sociais.

Nesse contexto, observo que, em certos momentos, a rádio permite que vários protagonistas se relacionem como “Eu-Tu” e vivenciem a experiência comunitária como ambiente educativo; em outros, se limitam à relação “Eu-Isso”. A mudança em um trabalho social, como em Heliópolis, é lenta e não pode ser analisada com resultados concretos de forma cartesiana, mas sim a partir de mudanças que ora acontecem, ora não. A rádio gera ambientes educativos em determinados momentos sem dia e hora marcados e enfrenta desafios diários à medida que proporciona e/ou explicita um ambiente educativo da comunidade. O formato da programação, seguindo a formatação das rádios comerciais, não impede que a rádio se torne um ambiente para conscientizar o consumo e propiciar vivências comunitárias em Heliópolis.

Este trabalho, que exigiu tempo para ouvir os protagonistas comprometidos com a comunidade e com a emissora, é o início de um diálogo. Deverá proporcionar, dentro das minhas expectativas, uma boa conversação com a comunidade, com os diretores da emissora e com os colaboradores e os diretores da UNAS; à medida que expõe minhas escutas e análises, ele pretende ajudar os protagonistas a aperfeiçoarem os objetivos e a programação da emissora.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Marinalva. O sonho intenso. In: **Coleção Verde-Amarela**. São Paulo: Intercom, v. 1, 2007.

BARROS, Laan Mendes de. Comunicação e educação numa perspectiva plural e dialética. **Nexos – Revista de Estudos de Educação e Comunicação**. São Paulo, 1997. p. 19-38.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo. CORTEZ & MORAES. 1979.

_____. **Sobre a Comunidade**. São Paulo. PERSPECTIVA. 1987.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de. **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.



DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Ed. Contraponto, Rio de Janeiro, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Guerra e Paz, 1983. 18ª ed.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 31ª ed.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni. **Na Boca do Rádio: o radialista e as políticas públicas**. São Paulo: Hucitec, 2007.

KAPLUN, Mario. **Producción de Programas de Radio, el guion – la realizacion**. México, CROMOCOLOR, CIESPAL, 1978.

_____. **Una pedagogia de la comunicación**. Madri: Ediciones de La Torre, 1998

LASCH, Cristopher. **O Mínimo Eu**. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1990.

LUZ, Dioclécio. **Rádios Comunitárias na Intenção de Mudar o Mundo**. Brasília: Independente, 2004.

_____. **Trilha apaixonada e bem-humorada do que é e de como fazer rádios comunitárias, na intenção de mudar o mundo**. Brasília: Independente, 2004.

_____. **Rádios Comunitárias: a arte de pensar e fazer**. Brasília: Independente, 2007.

MEDITISCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio: Textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.

MELO, José Marques. **Educomídia alcança a cidadania**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006.

MENEZES, José Eugenio de O. **Rádio e Cidade, vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.



_____. **DIOONÉ, Iraci Maria. Comunicação e Política: a ação conjunta das ONGs.** São Paulo: Paulinas, 1995.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

OTTMANN, Goetz. Habermas e a esfera pública no Brasil: considerações conceituais. **Revista Novos Estudos.** 2004.

PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade e os novos caminhos do social.** Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2007.

_____. **Comunicação nos Movimentos Populares.** Petrópolis: Vozes, 2005.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **VOZES CIDADÃS: Aspectos Teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e Sindical na América Latina.** São Paulo: Angellara Editora, 2004.

_____. **Comunicação no Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Rádio Comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento.** In PAIVA, 2007.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Ensaio Brasileiro.** Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941.

VIGIL, José Ignacio López. **Manual Urgente para Radialistas Apaixonados.** São Paulo: Paulinas, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2000.

_____. **O país distorcido.** São Paulo: Publifolha, 2002.

SILVEIRA, Paulo Fernando. **Rádios Comunitárias.** Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo.** Campinas: Papirus, 1988.